

## OS AGENTES DA ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL DE UBERLÂNDIA – MG, Brasil

Cintia Neves Godoi  
cngodoi@yahoo.com.br

### RESUMO:

A análise da relação entre a especialização territorial da cidade de Uberlândia-MG, Brasil, e o desenvolvimento dos serviços de informação e comunicação, representados principalmente pelas empresas CTBC-Telecom e ACS Contact Center, pertencentes ao Grupo Algar, consistiu no objetivo central deste artigo. Foram abordadas as ações desencadeadas desde o final dos anos quarenta do século XX pelo empreendedor Alexandrino Garcia e pelo político Rondon Pacheco. Para identificar o conjunto das ações que influenciaram a definição do papel de Uberlândia na rede urbana brasileira, delimitamos um recorte temporal que começa no início do século XX e segue até o final da década de 1990, para contemplar os principais fatos nacionais, regionais, locais, e o desenvolvimento das telecomunicações no Brasil, que influenciaram no desenvolvimento de Uberlândia. Propusemos uma periodização que articulasse as diversas escalas geográficas, e trabalhamos com a hipótese de que Uberlândia não se consolidou apenas em função de um só tipo de agente, mas que a centralidade de Uberlândia deriva também do suporte comunicacional oferecido pelo desenvolvimento dos serviços ligados às tecnologias de informação e comunicação. Essa conjectura não exclui o papel dos atacadistas, mas acrescenta os serviços de tecnologia de informação que, enraizados na cidade possibilitam a comunicação com outros locais e as negociações de empresas – inclusive estrangeiras – a partir dos centros de atendimento e de contato.

**Palavras-Chave:** agentes, telecomunicações, especialização territorial, Uberlândia-MG.

### THE AGENTS OF THE TERRITORIAL SPECIALIZATION IN UBERLÂNDIA-MG, BRAZIL.

### ABSTRACT:

The analysis of the relationship between the territorial specialization of Uberlandia-MG, Brazil, and the development of information and communication services, mainly represented by the companies CTBC-Telecom and ACS Contact Center, of Algar Group, constitute the central focus of this research. The actions of businessman Alexandrino Garcia and politician Rondon Pacheco were analyzed since the late forties of the 20th century. In order to identify the group of actions that have influenced the definition of Uberlandia's function in the Brazilian urban network, we delimited a temporal scheme ranging from the beginning of the 20th century to the late years of the 1990 decade, to contemplate the main national, regional and local facts, and the development of telecommunications in Brazil, which have influenced Uberlandia's development. We proposed a periodization that articulates the different geographic scales, and made our research with the hypothesis that the consolidation of Uberlandia did not happen because of a single type of agent, we think that the centrality of the city is also a consequence of the communicational support provided by the development of communication and information technology services. This conjecture does not exclude the role of the wholesalers, but add the information technology services which, rooted in the city, make communication with other areas and negotiation between companies possible – including foreign ones – with the contact centers as start points.

**Key-Words:** agents, telecommunication, territorial specializations, Uberlandia-MG.

## INTRODUÇÃO

A cidade de Uberlândia-MG situa-se no alto do chapadão do rio Uberabinha, na região Sudeste, em uma área central no território brasileiro, e sua população ultrapassa 600.000 habitantes. Segundo o IBGE, a população estimada em 2008 é de aproximadamente 608.369

---

Recebido em 08/03/2010  
Aprovado para publicação em 17/12/2010

habitantes. Esta é conhecida no país pelo papel de suas empresas atacadistas, dentre elas o Martins, a maior empresa brasileira do ramo. Entretanto, no estudo realizado, nos concentramos nas empresas de informação e comunicação do Grupo Algar situadas e originadas na cidade. Para pensar o papel das cidades no Brasil, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) produziu um estudo relevante denominado REGIC (Região de Influência das Cidades). Este estudo teve sua primeira publicação em 1972 seguida nos anos 1987, 2000 e 2008. Sua principal intenção é a análise da rede urbana brasileira e das transformações ocorridas nesta ao longo do tempo. O estudo busca também pontuar os nós da rede, a hierarquia que vai se estabelecendo, as regiões de influência dos centros com base na rede de interações que conectam as cidades. Em se tratando de um estudo do Governo, a proposta é beneficiar o planejamento estatal e as decisões quanto às atividades que estruturam a produção, o consumo e as relações sociais no espaço.

Cumpra destacar que os principais pressupostos teóricos que guiaram a elaboração do *REGIC* se originaram da Teoria das Localidades Centrais, formulada por Walter Christaller na década de 1930. Essa teoria considera o conjunto de centros de uma região ou país em seu papel de distribuição varejista e de prestação de serviços para a população. Estes centros são denominados localidades centrais e a centralidade de que dispõem deriva de seu papel como centros distribuidores de bens e serviços, ou seja, das funções centrais que desempenham.

De acordo com o Regic, publicado em 1987, Uberlândia é classificada como capital regional, sob influência da metrópole São Paulo. Segundo esse mesmo estudo, sob influência de Uberlândia, encontram-se diversas cidades, notadamente nas mesorregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e do Sul Goiano.

O nível hierárquico de capital regional foi resultado de mudanças na divisão territorial do trabalho ao longo dos séculos dezenove e vinte. No decorrer do processo histórico, as áreas de cerrado situadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba viram emergir centros urbanos que se especializaram e se inseriram em diferentes divisões territoriais do trabalho ao longo do tempo como veremos mais adiante.

No século XIX, Uberaba, Sacramento e Estrela do Sul eram as principais cidades da região. Enquanto as duas últimas perderam importância no século XX, Uberaba manteve influência sobre vasta *hinterland* e ascenderam as cidades de Frutal, Araxá e Araguari. Uberlândia, até então distrito de Uberaba, ascende à condição de município no final do século XIX. Desde então, e durante todo o século XX, a cidade de Uberlândia participa crescentemente do controle da dinâmica regional, através da evolução da centralidade adquirida pela cidade. Cidades como Araguari, Sacramento, Frutal ou Estrela do Sul, que no final do século XIX dividiam o papel de centro regional com Uberaba, reduzem suas áreas de influência perdendo espaço para Uberlândia.

Fruto das interações sociais no espaço, a rede urbana também é a relação da produção e da circulação no espaço. Por isso mesmo ela é considerada por Corrêa (1989) uma condição e ao mesmo tempo um reflexo da divisão territorial do trabalho. É nesta perspectiva que é possível compreender as transformações ocorridas no conjunto da rede urbana brasileira entre a década de oitenta do século XX e os nossos dias.

A comparação dos resultados do *REGIC* publicado em 1987, com os mais recentes publicados em 2000 e 2008 apontam continuidade do crescimento da área de influência de Uberlândia, que agrega cidades do noroeste de São Paulo. Segundo o IBGE (2000), a cidade, nesta segunda publicação, apresenta nível de centralidade “muito forte” e pode ser incluída no padrão de cidade “predominantemente submetropolitano”. Se no estudo de 1987, Uberlândia e Uberaba foram consideradas “capitais regionais”, no de 2000, Uberaba assim permanece, com grau de centralidade “forte”.

O estudo de 2008 aponta a continuidade de Uberlândia como uma cidade mediana na hierarquia urbana. A terminologia usada no mais recente estudo a denomina como Capital Regional B que são as cidades com mais de 430 mil habitantes e com 406 relacionamentos que vem a ser o número de vezes que a cidade foi citada como destino dos fluxos. Nesse sentido, o *REGIC* constitui uma ferramenta que aponta a centralidade adquirida por Uberlândia, e conseqüentemente, a concentração de novos fluxos e da dinâmica da cidade. Mas, por que ocorre esta transformação na dinâmica regional? Como ela se processa? Quem são seus

principais agentes? Por que e de que forma Uberlândia ascende na dinâmica regional? Estas foram as questões que nortearam a produção do estudo.

Trabalhamos com a hipótese de que Uberlândia não se consolidou apenas em função de um só tipo de agente, exemplificado na imagem dos famosos atacadistas. Para nós a centralidade de Uberlândia derivava também do suporte comunicacional oferecido pelo desenvolvimento dos serviços ligados às tecnologias de informação e comunicação. Essa conjectura não excluiu o papel dos atacadistas, mas acrescentou os serviços de tecnologia de informação que, enraizados na cidade, possibilitaram a comunicação com outros locais, a transmissão de dados, e as negociações de empresas – inclusive estrangeiras – a partir dos centros de atendimento e de contato.

O objetivo central se consistiu em analisar a relação entre a especialização territorial e urbana da cidade de Uberlândia e o desenvolvimento dos serviços de informação e comunicação, representados principalmente pelas empresas *CTBC-Telecom* e *ACS Contact Center*, pertencentes ao Grupo Algar, nome atribuído em homenagem a Alexandrino Garcia. Nessa perspectiva, tornou-se fundamental estudar as ações desencadeadas desde o final dos anos quarenta do século XX por este empresário e pelo político Rondon Pacheco. Para identificar o conjunto das ações que influenciaram à definição do papel de Uberlândia na rede urbana brasileira, delimitamos um recorte temporal que começava no início do século XIX e seguiu até o final da década de 1990, para contemplar os principais fatos nacionais, regionais, locais, e o desenvolvimento das telecomunicações no Brasil, que influenciaram no desenvolvimento de Uberlândia. Propusemos uma periodização que articulasse as diversas escalas geográficas. Vale destacar a dificuldade de periodizar as telecomunicações, principalmente porque a literatura sobre a história nacional pouco avança no conhecimento do processo em áreas não litorâneas.

#### **OS AGENTES E O PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL DE UBERLÂNDIA.**

O período que compreende os anos entre 1895 e 1954 pode ser delimitado como o contexto da formação do povoado, dos comerciantes e, por conseguinte, de uma parte da elite urbana, especialmente a elite empresarial. Neste período houve a Proclamação da República do Brasil, uma expansão de novas formas de comercialização, o contexto das guerras no hemisfério norte que permitiu uma produção maior interna, houve expansão da cafeicultura, capitalização dos produtores, que permitiu investimentos em estruturas como as ferrovias e início das telecomunicações, em função das concessões públicas e acordos com outros países.

No fim do século XIX enquanto se configurava o povoado, e sua futura emancipação, Uberlândia possuía presumidamente uma população de 150 habitantes. E, quando do início do século XX, na década de 1920 a população de Uberlândia era de aproximadamente 27.900 habitantes.

A tabela abaixo expõe as principais cidades do Triângulo Mineiro na década de 1920 e alguns dados de infra-estrutura urbana. Nesta década se destacavam as cidades de Araguari, Araxá, Frutal, Patrocínio e Uberaba como as cidades com maior número de habitantes e de equipamentos e serviços urbanos (rede de energia elétrica, abastecimento de água, agências bancárias e de telefonia, e arrecadação de tributos em nível municipal, estadual e federal). É possível perceber que Uberlândia, em comparação com as demais, se destaca mais por seu número de população urbana do que rural. E, em termos de equipamentos e serviços urbanos a cidade também não chama atenção.

**TABELA 01**

Principais cidades do Triângulo Mineiro e infra-estrutura urbana em 1920.

Município	População Municipal	População Urbana	Focos Iluminação	Casas Iluminadas	Abastecimento de Água
Araguari	27.129	8.700	405	870	-
Araxá	46.866	3.690	370	371	74
Frutal	28.549	1.554	375	795	925
Patrocínio	44.067	3.150	282	150	-

Sacramento	34.889	3.054	295	285	146
Uberaba	59.807	19.338	440	1830	487
Uberlândia	27.956	6.912	202	189	-

Municípios	Aparelhos Telefônicos	Autos de Passageiros	Autos de Carga	Agências Bancárias	Agências Telégrafos	Arrecadação
Araguari	540	54	02	01	01	428.263
Araxá	168	78	11	-	01	360.842
Frutal	255	65	03	01	01	611.394
Patrocínio	39	19	-	-	02	291.416
Sacramento	45	56	05	01	01	293.224
Uberaba	473	316	12	02	01	2.429.515
Uberlândia	90	35	05	-	-	204.561

Fonte: SENNA, N. *apud*: BRANDÃO, 1989.

Organização: GODOI, C. N., 2009.

Mas, esta hierarquia urbana regional foi transformada a partir de diversas ações e fatos históricos. Um deles ocorreu ainda no começo do século XX quando em 1909 houve a inauguração de uma infra-estrutura que se tornaria importante para a cidade de Uberlândia: a ponte sobre o Rio Paranaíba ligando Itumbiara em Goiás a Minas Gerais.

Basicamente, dois são os fatores importantes relacionados a esta infra-estrutura. O primeiro é a possibilidade de escoamento da produção de Goiás com maior facilidade e, o segundo está contido no investimento realizado pela Cia. Mineira de Auto-Viação do Triângulo, uma empresa privada de Fernando Vilela (situada e originada em Uberlândia), que abre a estrada ligando Uberlândia a Itumbiara-GO passando por esta ponte, o que demonstra o início dos investimentos para que esta cidade fosse uma canalizadora da produção por ferrovias e rodovias.

Com esta estrada, Araguari tem seu papel diminuído: até então o escoamento da produção goiana era feito através de balsas para Araguari, pois esta era ponta de linha da ferrovia Mogiana que chega ao Triângulo Mineiro no final do século XIX através de esforços de cafeicultores do interior do estado de São Paulo. Mas, em seguida através da ponte e da nova estrada a produção passa a escoar por Uberlândia passa a se beneficiar mais profundamente da linha férrea Mogiana, não sendo mais um ponto apenas de passagem, mas de convergência da produção de Goiás e Mato Grosso.

A decadência da exploração do ouro pelos idos de 1860, a lavoura e a criação de gado passaram a ser a principal atividade de Goiás. Foi a produção agrícola goiana e a necessidade de seu escoamento que deram força às cidades do Triângulo, especialmente, à Uberlândia, a partir da ponte e estrada citadas anteriormente. Neste cenário de concentração da produção para escoamento começa a ser estimulado o comércio e o crescimento da cidade.

O período entre 1908 e 1928 é de controle dos políticos com intenções de favorecer as políticas agrárias, principalmente a oligarquia do café; assim os investimentos continuaram sendo feitos de acordo com as necessidades dos grupos locais e das classes produtoras. Com isso é favorecido o desenvolvimento das áreas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e algumas áreas das quais estas três dependiam, como o Triângulo e Goiás. Ora, se os principais centros em formação se ocupavam com o café, as áreas agrícolas de Goiás, Mato Grosso e Triângulo os abasteciam com a produção de alimentos. Este desenvolvimento também se deu nas comunicações. Em 1907 o Marechal Rondon dá continuidade à construção das linhas telegráficas. Em 1911 as linhas telegráficas já contavam com mais de 31.000 km.

O Serviço telefônico apesar de ter sido iniciado em 1877, apenas a partir de 1910 se torna mais difundido, mesmo se concentrando em sua maioria nos estados de São Paulo e no Rio de Janeiro.

Neste contexto de expansão das primeiras linhas telefônicas, a Câmara Municipal de Uberlândia assina, em 1910, um contrato com Carmindo Coelho para concessão de serviços de telefonia por 25 anos. Porém em 1917 a concessão passa a pertencer a José Monteiro da Silva e, em 1919 à família de Tito Teixeira, um político local, que recebe a concessão para a exploração dos serviços de comunicação telefônica em São Pedro do Uberabinha (antigo nome de Uberlândia). A Companhia Irmãos Teixeira foi formada por Arlindo Teixeira Júnior, dono da Teixeira Costa Companhia, comerciante e irmão de Tito Teixeira.

Desde então, a empresa telefônica passa a se chamar Companhia Irmãos Teixeira. Em 1926 o contrato é renovado pela Câmara Municipal de São Pedro do Uberabinha. No ano de 1932, Arlindo Teixeira Júnior transfere parte da Companhia para o sócio Tito Teixeira, e assim a empresa passa a se chamar Teixeirainha. É nessa conjuntura que começa a surgir um importante grupo empresarial na cidade de Uberlândia: o Grupo Algar.

O Grupo Algar representa hoje uma elite empresarial, que teve início na própria cidade de Uberlândia com a vinda de José Alves Garcia, imigrante português que em 1914 chega à cidade e emprega-se na companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

O filho mais velho de José Alves Garcia, Alexandrino Garcia (futuro empreendedor do Grupo Algar – nome dado em sua homenagem) chega ao Brasil em 1919 para trabalhar em Uberlândia. Este se unirá ao seu tio João Agostinho para comprar uma máquina de arroz e instalá-la na antiga Praça Antônio Carlos, hoje Praça Clarimundo Carneiro. Este quadro de formação de empresas e indústrias não se deu apenas em Uberlândia. O quadro local correspondia a uma escala maior, calcada nas estratégias nacionais de superar crises, estimulando o mercado interno. A estratégia se deu principalmente em função do café, e, por conseguinte, estimulou outros produtos e serviços. É nesse contexto que surgem as indústrias, e embora haja divergências sobre os atores de sua gênese, há concordância de que são estes empreendimentos internos que auxiliam o país a superar a crise de 1929.

Percebendo a maior intensidade da crise nos países europeus, o Brasil passa a importar maquinários usados a custos mais baixos. Esta situação também possibilitou novas atividades para pequenos comerciantes, pois neste momento houve importações de máquinas não só para grandes produtores, mas também para ações como a da família Garcia em Uberlândia, que compra apenas uma máquina para prestar serviços de beneficiar arroz.

Segundo Oswaldo Antonio Garcia<sup>2</sup>, esta máquina foi montada na região do Pontal do Triângulo Mineiro, pois havia rumores de que a Mogiana iria se estender até Colúmbia, hoje Colômbia (cidade situada na divisa de São Paulo e Minas Gerais próxima a Frutal) e por isso mesmo, o Triângulo Mineiro fracassaria.

No entanto, assim que compraram a máquina, começaram a aparecer produtores para descascar o arroz. Mas a parceria não durou muito tempo, e, para dar continuidade ao negócio os Garcia recorreram a um parente melhor sucedido, João Fernandes. A partir daí, a família passa a investir em diferentes setores.

Na década de 1940, no Governo de Getúlio Vargas, as promessas são de novas atitudes para com o interior. No discurso de Getúlio sobre o apoio à criação de Goiânia, o então presidente declara o interesse de que o país não se restrinja ao litoral e a necessidade de estimular centros interioranos para que pudesse fluir a economia nacional. Nesse sentido, ficou legitimada a necessidade por uma maior circulação interna que abarcasse novas áreas e as inserissem numa dinâmica nacional.

Em 1943, Alexandrino começa a vender gasolina em caixas de 20 litros, com um posto instalado na entrada da cidade, passagem obrigatória de veículos vindos do Estado de São Paulo com destino à Uberlândia e aos estados de Goiás e Mato Grosso. Neste período, através

<sup>2</sup> Todos os depoimentos presentes neste artigo foram retirados do sítio Museu da Pessoa, quando disponibilizado um projeto referente ao histórico da empresa CTBC. Portanto, este material foi divulgado pela empresa e é de responsabilidade desta.

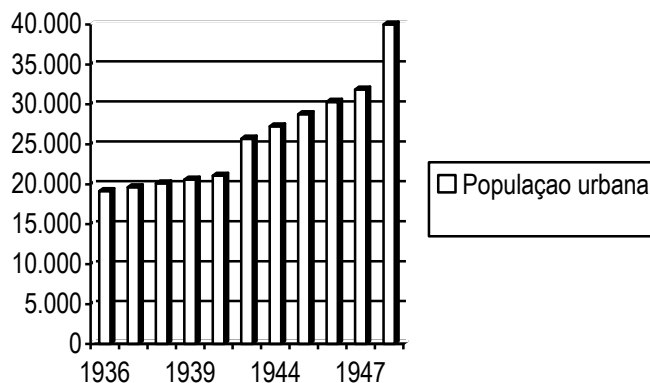
Fonte:

[http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME\\_DEPOIMENTO\\_VER\\_CTBC](http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2390&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_CTBC)

do gráfico abaixo, é possível perceber que Uberlândia continua com um significativo crescimento populacional ao longo da década de 1930 e chega aos 40.000 habitantes ao final da década de 1940.

**GRÁFICO 01**

Crescimento de Uberlândia ao longo das décadas de 1930 e 1940.



Fonte: SOARES, B. R., 1995.  
Organização: Godoi, C. N., 2009.

Em 1950, é fundada a empresa Garcia S.A. Indústria e Comércio (Garinco). Nas palavras de Rondon Pacheco – político local –, é perceptível a importância destas ações de Alexandrino, especialmente através de seu posto de abastecimento. A Fundação Brasil Central foi criada no governo de Getúlio, em 1943, como órgão principal para implantar núcleos de povoamento nas áreas que seriam indicadas por expedições realizadas pelo grupo Roncador-Xingu. Com o grupo Roncador Xingu formado, a primeira expedição concentrou seus principais componentes em Uberlândia para iniciar a arrancada rumo a Goiás, e posteriormente ao norte.

Nesse mesmo contexto, a família Garcia diversifica seus investimentos que atualmente se concentram em quatro setores: 1) Telecomunicações, composto pelas empresas *ACS Contact Center*, *CTBC*, *TV a Cabo*, *Net Super* (internet) a *ENGESSET*, e a *SABE*, que serão apresentadas adiante; 2) agro-negócios, representado pelas empresas *INCO* de processamento de soja e *ABC* e *AP* que faz plantio de grãos; 3) turismo, que tem como único representante o *Rio Quente Resorts*; 4) por fim, os serviços de infraestrutura reunindo as empresas *ABC Táxi Aérea*, responsável pelos serviços de táxi aéreo e pela manutenção de aeronaves (turbo, hélice e jatos), a *SPACE*, vinculada à segurança patrimonial, e a *COMTEC*, que realiza a administração de terminais urbanos e centros comerciais. Podemos concluir, parcialmente, que a partir da máquina beneficiária de arroz de José Alves Garcia e Alexandrino, seu filho mais velho, começam a se capitalizar e, em 1954, criam a *CTBC* composta por quatro diretores, em que o presidente era Alexandrino Garcia.

#### **Os agentes e as empresas locais. O Caso do empreendedor Alexandrino Garcia e a CTBC.**

Os investimentos gerados por outros setores levaram à compra da *CTBC* que passará a ser exclusivamente da família Garcia e, em março do mesmo ano compram também a empresa telefônica Teixeira, presente em Uberlândia desde 1919.

Como vimos, no início da década de 1920, Uberlândia tinha uma população de aproximadamente 27.900 habitantes, dos quais apenas 6.900 estavam situados na área urbana. Sabemos também que a cidade não dispunha de nenhum telégrafo e de apenas 90 telefones, ao contrário da vizinha Uberaba que neste mesmo período dispunha de um telégrafo e de 473 aparelhos telefônicos.

Segundo depoimento de Ilce Silva Fogarolli, ex-funcionária da Empresa Telefônica Teixeira, esta se situava no mesmo lugar onde hoje é a sede principal da *CTBC*, a Avenida João Pinheiro, esquina com Machado de Assis. Neste mesmo ponto, situava-se a central, o escritório e a central automática, concentrados num mesmo local. Para ela, Tito Teixeira foi o pioneiro

nas telecomunicações em Uberlândia. Cabe destacar que o depoimentos de Ilce Folgarolli, assim como os depoimentos de Rondon Pacheco sobre suas histórias de vida, de trabalho relacionado ao Grupo Algar, à família Garcia, ou à Uberlândia foram retirados do arquivo do Projeto CTBC 50 Anos, encontrados no sítio Museu da Pessoa.

Porém, a empresa não tinha condições financeiras de expansão. A cidade só tinha 500 números, fornecidos por contrato com a Ericsson do Brasil, estando estes terminais concentrados pelos comércios e pouco encontrados nas residências.

Para Ilce Fogarolli, o serviço local era bom, as ligações interurbanas é que não correspondiam as expectativas. Então, a CTBC foi criada pela precariedade do sistema, e porque tinha o apoio da Associação Comercial (ACIUB – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia) que em 1953, era presidida pelo mesmo Alexandrino Garcia. Ele organizou um movimento de venda de ações para a melhoria dos serviços telefônicos de Uberlândia, que resultou numa avaliação dos serviços oferecidos pela empresa de Tito Teixeira, pois se havia interesses de expandir os serviços, tal fato significava que a empresa local não supria as necessidades.

No entanto, ainda nas palavras de Ilce Fogarolli, embora a empresa de Tito Teixeira tenha sido vendida por conter apenas 500 terminais telefônicos, não atendendo a demanda crescente de serviços em Uberlândia, “esses 500 telefones permaneceram os mesmos durante muito tempo. Até alguns anos depois de constituída a CTBC.”

A estagnação da telefonia era, na verdade um processo que atingia todo o país. Como afirma Dias “[...] as décadas de quarenta e cinquenta assistiram à diminuição dos investimentos nas redes de telecomunicação.” (DIAS, 1996, p.118) Segundo a autora, o quadro de estagnação é explicado por três ordens de razão: (i) as dificuldades de importação dos equipamentos durante e logo após a Segunda Guerra Mundial; (ii) a competência dispersa entre as administrações federal, estadual e municipal, para a concessão da exploração privada das redes telefônicas e (iii) a prioridade atribuída, desde 1945, ao transporte rodoviário (DIAS, 1996, p.118 e 119).

Esta breve explanação dos agentes envolvidos em alguns dos processos empresariais da cidade mostra a formação de elites locais. Essas elites formadas por comerciantes atacadistas e pelos primeiros empresários do setor de telecomunicações se inscrevem num tempo histórico no qual o problema central, no país, era promover a integração do mercado nacional através do desenvolvimento das redes de transportes.

### **Os agentes políticos no processo de desenvolvimento local. O político local Rondon Pacheco e seu relacionamento com os empresários e com o município.**

Neste contexto, emerge a figura de Rondon Pacheco, natural da cidade de Uberlândia, nascido em 1919, filho de uma família tradicional local. Foi deputado federal em 1947, governador do estado em 1971 e chefe da casa civil no governo de Costa e Silva em 1968. Rondon Pacheco foi para Belo Horizonte, com 16 anos, para estudar. Formou-se em Direito. Sua família tradicional e suas histórias demonstram um pouco das relações existentes em Uberlândia na década de 1930.

O meu tio, que tem o nome de Juca Ribeiro – o nome do primeiro estádio de Uberlândia –, era o comandante do esporte na cidade. Tive dois grandes amigos. Um comandava o futebol, o outro, o basquete. O basquete era comandado pelo Boulanger Fonseca, meu amigo, e eu, um dos atletas. E o meu tio, que era o do futebol, muito amigo do Alexandrino, o Juca Ribeiro, com os outros dois irmãos, que eu falo no prefácio, o Mário e o Wolninho, que vieram a ser parceiros, auxiliares do Alexandrino – o Alexandrino ajudou a abrir os caminhos deles na vida também, para vender arroz, vender cereais, comprar para ele. E essa amizade, essa coisa, surgiu daí também. Quando as comitivas chegavam a Uberlândia, o orador oficial era o ginasião Rondon Pacheco. (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

Ser advogado na cidade de Belo Horizonte teve importante papel para Rondon, pois é dessa maneira que ele se infiltra na política, tendo sido deputado federal pelo Rio de Janeiro. Seu escritório em Belo Horizonte dava prosseguimento aos trabalhos de Dr. Jacy de Assis, advogado em Uberlândia, e o fez conhecer Milton Campos, futuro governador do estado e Pedro Aleixo, futuro vice-presidente de Costa e Silva. Posteriormente Rondon retorna a Uberlândia para se candidatar a Deputado Estadual por Uberlândia.

Eu tive sorte e fui para a Constituinte Mineira. Não foi fácil chegar lá porque cheguei inicialmente como suplente, mas com Milton eleito, fui convocado logo, porque muitos saíram para ser secretários de Estado. Minha votação principal foi em Uberlândia, que tinha apenas 11 mil eleitores. Hoje, são 200 e tantos mil.” (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

Em 1947 Rondon foi para a Constituinte Mineira, e em 1950 se lançou candidato a deputado federal por Uberlândia. Com 30 anos chegou à Câmara Federal e com 37 foi líder da União Democrática Nacional, que contava com deputados como Carlos Lacerda, João Agrippino, Bilac Pinto e Pedro Aleixo, continuando assim os laços profissionais de advocacia e somando agora política entre Milton Campos e Pedro Aleixo. Para isso, contou com o apoio de, entre outros, Alexandrino Garcia,

O Alexandrino, eu o conheci, quando ele me levava para fazer os discursos, para receber as comitativas esportivas, em Uberlândia. O Alexandrino era muito amigo do meu tio, o Juca Ribeiro, que era um dos diretores do Uberlândia Esporte. Ele já pegava o ginásio Rondon Pacheco, para fazer os discursos, para saudar as comitativas que chegavam. Era amigo fraterno da minha família e meu amigo, desde a minha juventude. Ele veio para a UDN, era um dos financiadores da UDN, aquela coisa toda de cabo eleitoral. Eu me lembro de que o Alexandrino viajava, ia daqui para um sítio rural, a Tenda, arrumar voto para mim. Era muito dedicado, e daí surgiu a nossa amizade. Ele já mantinha relações com toda a minha família – mais abrangente, com meu pai e com meus tios. (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

A formação de Rondon e a relação com Alexandrino foi imprescindível para o crescimento das empresas de tecnologia da informação de Uberlândia, como veremos a seguir.

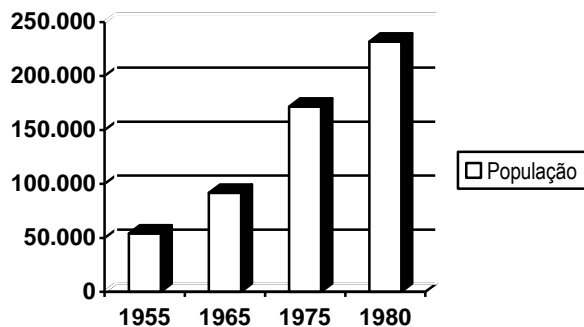
#### **A RELACAO ENTRE O POLÍTICO RONDON PACHECO E O EMPREENDEDOR ALEXANDRINO GARCIA.**

O conjunto de ações empreendidas pelos principais agentes do processo de desenvolvimento das empresas de telecomunicações de Uberlândia auxiliaram no entendimento do papel assumido pela cidade na rede urbana. Os anos compreendidos entre 1954 e 2000 foram divididos em dois períodos históricos: 1) 1954-1970, as ações da elite uberlandense para mudar a cidade, que culminaram na construção de infra-estruturas como as rodovias que perpassam a cidade (BR-452, BR-050 e outras); e 2) 1970-2000, a construção da centralidade de Uberlândia.

Nos anos idos de 1954 a 1970 houve a consolidação de Uberlândia numa divisão territorial do trabalho, o gráfico abaixo expõe dados que nos permitem perceber o rápido e contínuo crescimento populacional de Uberlândia. Este período também ficou marcado pela ditadura militar ocorrida no Brasil e em nossa pesquisa enfocamos também o papel das novas tecnologias da informação que permitiu a especialização de Uberlândia como uma cidade prestadora de serviços.

**GRÁFICO 02**

Crescimento da população em Uberlândia-MG. Décadas de 1950 até 1980.



Fonte: SOARES, B. R., 1995. Organização: Godoi, C. N., 2009.



Em 1961, Rondon foi secretário de Estado no Governo de José de Magalhães Pinto, e, dez anos depois, se elegeu Governador. Quando secretário acompanhou a expansão da empresa *CTBC*, em se tratando de processos jurídicos. Alexandrino Garcia entrou com pedidos para requerer para si as concessões caducas de telefonia do Triângulo Mineiro, concessão que o próprio Rondon assinou. A *CTBC* acumulou 40 concessões que corporificou a companhia telefônica, fazendo-a crescer, Alexandrino pôde ir para Uberaba e posteriormente Franca, Pará de Minas, dando início à sua expansão. Foi Rondon Pacheco que recebeu os quatro diretores da *CTBC*, em Belo Horizonte,

Minhas luzes jurídicas, políticas, valeram alguma coisa a eles, porque eles tinham as luzes empresariais, e eu pude adverti-los sobre muitas contingências. Eu acho que o grande lance do Alexandrino e seus companheiros foi se aliar logo à Ericsson, que era realmente um setor altamente especializado em telefonia. É sueca, e foi para a Suécia que ele mandou o Luiz fazer curso e estudar. O representante da Ericsson no Brasil chamava-se Kantif. Esse Kantif fez uma grande amizade com o Alexandrino, tiveram identidade, amizade, além das relações comerciais, e venderam logo, porque não era possível, a Teixeira estava superada, em face do estágio de 1951, 52; já era hora do telefone automático. Não comportava mais manivela, telefone a pilha e outras coisas. Já era estação automática. E eles compraram a central telefônica na Suécia, que é essa que mostrei, que está sendo inaugurada, nesta fotografia. Mas isso demandava uma postulação nos órgãos burocráticos, a Cexim era exercida por delegação, pelo Banco do Brasil. Cexim é Conselho Exterior do Comércio de Importação. Eu tinha conhecimento, e o Kantif não me dava sossego também, não era só o Alexandrino, não. O Kantif era um homem que estava, diariamente, lá nos corredores da Câmara: "Olha, Dr. Rondon, se Uberlândia perder essa central, o senhor não se reelege!" Era um grande argumento: "O senhor não se reelege, a frustração lá vai ser total!" Eu falava: "Ah, mas a minha responsabilidade não é tão grande assim porque sou oposição! O governo aqui é que tem a maior responsabilidade. Eu sou da oposição". (Fonte: *CTBC* 50 anos - Rondon Pacheco)

Com isso, Alexandrino e seus sócios conseguiram a licença de importação mesmo com a desvalorização monetária da época. No entanto, como conta Rondon, havia um outro problema, pois a cidade não dispunha de energia elétrica suficiente,

O mesmo trabalho que eu tive de fazer para o Alexandrino na central telefônica, tive de fazer para importar as turbinas da Prada, aqui da usina local. E o mesmo trabalho que eles fizeram aqui, criando, constituindo a empresa telefônica *CTBC*, a Prada fez em nome próprio, conseguindo representantes aqui na Associação Comercial, com o Sr. José Rezende Ribeiro e outros correndo o comércio, o Juquita Rezende correndo o comércio aí, arrumando novos acionistas para a Prada e para comprar, para que Uberlândia estivesse aparelhada na sua usina hidrelétrica. (Fonte: *CTBC* 50 anos - Rondon Pacheco)

Com o golpe militar em 1964, diversos setores sofreram pressão. Mas as telecomunicações estavam sob pressão desde 1962, com a primeira nacionalização ocorrida no Rio Grande do Sul e encaminhada pelo então governador Leonel Brizola. No geral, eram empresas norte-americanas que exploravam estes serviços no Brasil, e obviamente ações como a de Brizola causaram revolta dos investidores estrangeiros e daqueles que se beneficiavam destes estrangeiros.

Segundo De Alencar (2000), o governo ditador tem início impedindo planos como os de Celso Furtado, que visavam o fortalecimento de metas desenvolvimentistas como a estatização de todas as empresas privadas de diversos setores, em especial às empresas de telecomunicação. Assim, este governo elege pessoas, lugares e estratégias para se fortalecer, e a região do Triângulo se aproveitou do interesse dos militares em controlar a região central para eleger lideranças políticas, requerer infra-estruturas,

[...] o desiderato geopolítico encorajou a solidificação da região como um trampolim para os interesses expansionistas do capital em promover a sua "marcha para o oeste". Assim, as principais lideranças políticas do Triângulo encontraram amplos canais de negociação com os governos federal e estadual, desfraldando, quando não atendidas em suas reivindicações, a bandeira do separatismo. (BRANDÃO, 1989, p. 175)

Ter um representante local em um governo ditador auxiliou e até mesmo fortaleceu a questão regional, pois quando Chefe da Casa Civil do governo de Costa e Silva em 1968/69, Rondon pôde acompanhar alguns processos, dentre eles as estatizações, e problemas como o da CTBC em permanecer privada.

Atribuo à capacidade funcional o fato de uma companhia como a CTBC ter se mantido privada inclusive durante todo o processo dos governos militares, que queriam estatizar todas as companhias. Ela estava preenchendo as suas condições, a tarefa lá já era imensa, até que chegou um ponto que foi preciso privatizar, porque, primeiro, houve aquela concepção que foi um pouco assim resultante da sistemática de segurança, tudo acontecendo muito depressa, a técnica militar, a defesa contra a bomba atômica, aquela coisa toda, o radar, e o Brasil avançou muito, avançou e compreendeu que tinha de desenvolver o sistema de telecomunicações e desenvolveu. (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

As telecomunicações eram encaradas como segurança nacional, e a companhia obviamente sofreu pressões e até perdeu concessões como na cidade de Morrinhos-GO.

Quantas vezes tive de interferir. Eu lembro que o Luiz teve um problema, aí em Goiânia, que me telefonava às madrugadas, tentando, naturalmente, e o poder estatizante inconformado. Por exemplo, a própria mentalidade, uma empresa mineira, uma empresa de Uberlândia, dominando o Estado de Goiás, essa mentalidade era muito restritiva do poder. Por que uma empresa mineira vai dominar uma empresa goiana e assim por diante, se isso é estatizado, se é do próprio Estado? E a telefônica deve ter enfrentado problemas muito complexos nessa coisa toda, que exigiam diplomacia, clarividência, tirocinio, muita racionalização para o trato diplomático. E com uma circunstância: o setor de telecomunicações era estatizante, mas era também muito dominado pelo setor militar, em razão da segurança. (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

Assim, através de ações como as de Rondon Pacheco, podemos compreender como a CTBC não sofre estatização, mesmo sendo considerada por Rondon autosuficiente e atuante no sentido de expandir seus serviços, pois no governo militar, uma das prioridades era a estatização, e quase todas as empresas de telefonia, como a de Valadares, então governador de Minas Gerais, não resistiram as pressões. No caso da empresa de Uberlândia, parece ter sido imprescindível a participação do político local Rondon Pacheco.

Eu era obrigado a usar diplomacia. Algodão entre cristais. Mas isso era da rotina, da dinâmica, o meu dever era esse. Eu estava lá para servir o presidente. Eu lembro que houve um episódio, eu não sei precisar exatamente os lances, em que os policiais militares, o exército, ocuparam a central. Lembro do momento em que o Luiz ligou para mim, e eu disse a ele: "Luiz, me liga daqui a pouco que eu vou ver". E ele dizia para mim: "Não vou ligar, vou ficar na linha esperando o senhor voltar". Ele estava aflito, angustiado. E isso eu tinha de defender. (Fonte: CTBC 50 anos<sup>3</sup> - Rondon Pacheco)

Luiz é filho de Alexandrino Garcia e ainda hoje é diretor da *CTBC-Telecom*.

A ditadura termina e, os americanos começam a cobrar as despesas que tiveram com o Golpe de 1964 [...] Assim, termina, melancolicamente, a primeira nacionalização na área de telecomunicações no País. Outras se seguiram, com a criação da Embratel, e da Telebrás, à medida que, no governo militar, se vai generalizando a doutrina de segurança nacional. (DE ALENCAR, 2000, p. 286)

## **UBERLANDIA SE TORNA UM CENTRO NO INTERIOR DO TERRITORIO.**

As décadas entre 1970 e 2000 têm como principais características o destaque de Uberlândia como o centro de influência mais forte do Triângulo, superando Uberaba nos estudos de

<sup>3</sup> CTBC 50 anos. Projeto Acervo Histórico da Empresa.

Disponível em:

[http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2352&forward=HOME\\_DEPOIMENTO\\_VER\\_CTBC](http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2352&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_CTBC)

Acesso em: 08 de março de 2010.

*Regiões de Influência das Cidades – REGIC* de 1993, publicado em 2000. Este é um período de profundas transformações que reafirmam a trajetória do país em direção a uma sociedade voltada à indústria e a urbanização. As telecomunicações passam a ser elemento de modernização obrigatória para atender esta nova sociedade urbana e industrial e, por isso mesmo, recebem um pouco mais de atenção do Estado Nacional.

Neste sentido, o II Plano Nacional de Desenvolvimento foi formulado para, independentemente da crise mundial, assegurar ações que estimulassem e organizassem as instituições do governo, fomentando um ideal nacionalista.

Este período pode ser dividido em dois sub-períodos: (i) o “Milagre Econômico Brasileiro” (1968-1973); e (ii) o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND 1974-1979). O primeiro caracterizado por um crescimento acelerado, decorrente em grande parte das reformas ocorridas no período anterior e das condições internacionais favoráveis, e o segundo, em que a manutenção do crescimento se deu em função da vontade política do governo militar (o objetivo do Brasil Potência), que foi contra a tendência mundial de retração do crescimento, a partir da primeira crise do petróleo de 1973-74. (GREMAUD, 1999 p. 252)

Nas palavras de Dias (1996), No quadro de uma política de autonomia tecnológica, a ação governamental, durante a vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), revelava a preocupação em assegurar a coerência entre: de uma parte a política científica e tecnológica; de outra parte, a política industrial. As formas de intervenção do Estado brasileiro, que respondiam a considerações de estratégia econômica e de soberania nacional, condicionaram as primeiras ações da Telebrás, consagradas ao fortalecimento do controle nacional sobre a produção de equipamentos de telecomunicações. (DIAS, 1996 p. 121)

No entanto, produzir tecnologia de comunicação significava além de um avanço para o país, um enorme investimento que nem todas as empresas nacionais estavam aptas a arcar,

[...] Em face da incapacidade das empresas nacionais de financiar programas de desenvolvimento tecnológico, em razão da grandeza dos investimentos, a Telebrás instalou em 1976, em Campinas, um centro de pesquisa e desenvolvimento (CPqD). Desde o início, os projetos desenvolvidos pelo CPqD testemunharam uma escolha deliberada em favor das tecnologias de ponta: programas de comunicação por satélite, de transmissão digital e de comunicação ótica. (DIAS, 1996, p. 121 e122)

A década de 1970 significou o fim de quase um século de exploração estrangeira dos serviços públicos no Brasil. Em Minas Gerais, Rondon Pacheco é eleito governador em 1971, e suas ações seguem um pouco do perfil militar nacionalista como veremos adiante.

É pertinente atentar para o fato de que este uberlandense foi escolhido para governar o Estado de Minas Gerais em um dos períodos mais importantes em termos de expansão econômica da história recente do país. Rondon Pacheco assumiu o governo estadual em março de 1971, ficando à sua frente até março de 1975. O desempenho da economia mineira, neste período causou verdadeira euforia. (BRANDÃO, 1989, p. 137)

Quando eleito governador do Estado, Rondon compra a Prada e a incorpora à Cemig, e em seu depoimento, argumenta que essas ações auxiliaram no desenvolvimento da cidade.

E veja o que é o destino do homem: o que eu vinha comprar como governador para a Cemig? Comprei a Prada! Encampeei a Prada! E a incorporei à Cemig, para que Uberlândia pudesse dar seu grande salto, seu grande arranco e, no meu governo, mandei construir a usina de São Simão, que triplicou toda a geração da Cemig. Aqui, no canal de São Simão, porque, até Itaipu, era a maior usina do país. Foi construída no meu governo. Deslançou o crescimento, mas, antes disso, eu já havia conseguido ligar Cachoeira Dourada a Uberlândia, com verbas federais, conseguindo verbas, subsidiando a Cemig, fazendo essa rede de intercomunicação elétrica, o que era o fundamental para a própria telefônica. Tinha de ter energia elétrica, sem o que a cidade não podia deslançar. (Fonte: CTBC 50 anos - Rondon Pacheco)

Para as empresas de telecomunicação da cidade, essas ações de Rondon são importantes. Sem os investimentos na geração de energia elétrica, as ações da própria CTBC estavam também limitadas, assim como a de todos os comerciantes e prestadores de serviços.

Para a região do Triângulo cabe destaque em três questões: ao possível reforço da posição de Belo Horizonte, fortalecendo as relações com o governo mineiro; a descentralização industrial orientada pela incorporação dos recursos minerais da periferia nacional, em especial, os das áreas de fronteira e a visão concernente à agropecuária promovendo o Brasil a “celeiro do mundo”, abrindo novas frentes de divisas e privilegiando a agroindústria como “difusora de novas tecnologias”. (BRANDÃO, 1989, p. 141)

Uma nova configuração é então estabelecida no Triângulo, que passa a ser um importante produtor agrícola do estado, tendo produzido 89% da soja de Minas Gerais em 1975. Ao longo da década de 1980, embora tenha diminuído a porcentagem da produção (59%), a região ainda permanece como a maior produtora do estado.

Segundo Brandão (1989), o café foi outro produto que se adaptou muito bem às terras do cerrado, atraindo para a região tradicionais produtores do Paraná e de São Paulo. A cana de açúcar também foi inserida na região do Triângulo e Alto Paranaíba, e fez com que as regiões da Zona da Mata e do Sul de Minas, tradicionais produtoras, perdessem posição, em um processo em que o Triângulo passou de produtor insignificante, em 1975, com 7,6% da produção mineira, para a posição de maior região produtora em 1988, detendo 37% do total do Estado. Por fim, o último item a ser considerado por esta nova indústria agrícola é o algodão; em 1987 o Triângulo passa a compreender 70% da produção do Estado.

Estas novas culturas decretaram a decadência da produção do arroz na região, e mostraram também os novos interesses locais, que se traduziam agora em participar de um novo circuito espacial de produção, voltado à exportação, e não mais ao abastecimento das áreas cafeeiras de São Paulo, mineradoras de Minas, cafeicultoras do Rio de Janeiro. Com isso, o Triângulo que antes abastecia através de suas próprias produções e das produções de Goiás e Mato Grosso as áreas monocultoras, passou a produzir novos gêneros que mudaram a dinâmica local através de novas negociações com o capital externo.

Embora o Triângulo seja rotulado como agente da agroindústria, convém destacar que Uberlândia continua exercendo seu papel de centro, não sendo uma cidade altamente produtora, mas um centro de convergência da produção e prestador de serviços.

Os anos 1970 e 1980 representaram para a CTBC e as telecomunicações na cidade de Uberlândia, crescimento com a aquisição de novas concessões em diversas cidades do interior de Minas, Goiás e São Paulo. Além disso, foram instalados serviços de DDD e DDI em diversas cidades. Em 1975, a empresa passa a utilizar pela primeira vez um computador eletrônico da IBM que inaugurou o centro de processamento de dados em Uberlândia. Vale destacar que durante a década de 1980 houve uma reestruturação da CTBC, que culminou na redução de seu corpo de trabalho, e na formação de duas empresas: a *X-Tall*, em, 1986 para a produção de fibras ópticas, e a *Empe/AS*, em 1988, com vistas ao desenvolvimento de peças mecânicas para abastecimento interno e para o mercado consumidor.

A década de 1980 foi um período de reajuste interno, de mudanças marcadas pela transição do governo de Ernesto Geisel para o de João Baptista Figueiredo em um período em que o cenário internacional se encontrava frágil com a crise do petróleo e da agricultura de 1979. Os anos seguintes no contexto internacional foram de recessão e no Brasil não foi diferente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação e o transporte, como eixos da produção e da reprodução, não só do capital, mas de novas formas de organização social e espacial, operam juntamente com outros fatores, formando as redes urbanas e, conseqüentemente, os padrões que vão sendo formados pelas cidades, instituindo pontos especializados e tornando mais complexa a relação entre os lugares.

As relações sociais e da sociedade no espaço, também vão sendo modificadas para a continuidade da produção de diversas formas, como novas estruturas, novas organizações do espaço; mas, como procuramos ressaltar neste trabalho: todas estas ações se dão através de agentes específicos em uma determinada conjuntura.

Obviamente, foram vários fatores e agentes envolvidos na especialização territorial de Uberlândia, mas esta pesquisa se desenvolveu no sentido de compreender qual o papel e de que forma as empresas de telecomunicação influenciaram nesta especialização.

Reconhecemos que as empresas de comunicação se desenvolveram a partir da cidade de Uberlândia, e que cresceram em função das necessidades locais e foram se expandindo local, regional, nacional e internacionalmente. Também analisamos a participação e o entrelaçamento de ações do *Martins Atacadista*, através de um breve histórico e da sistematização desse agente responsável pela distribuição e transporte da produção nacional, regional e local.

Analisamos Uberlândia como centro atacado-distribuidor e servidor de comunicações. Pudemos como isso foi se consolidando, demonstrar como a empresa de comunicação se manteve privada em meio à nacionalização do período ditatorial. Para isso trouxemos depoimentos de um dos principais agentes do desenvolvimento do município e mesmo das empresas de comunicação, o político Rondon Pacheco. Sua relação com Luís Alberto Garcia possibilitou compreender como o entrelaçamento de ações e agentes foi responsável pela continuidade da atividade da empresa privada.

Por fim, chegamos ao fim da análise com novos questionamentos, pois paralelamente ao processo de especialização territorial ocorre um processo de especialização urbana que buscaremos abordar em outra oportunidade.

#### REFERENCIAS:

ACS *Contact Center* e Dados sobre Ranking Nacional *Contact Centers* Alexandrino Garcia – Grupo Algar Disponível em: [www.algar.com.br](http://www.algar.com.br)

BACELAR, W. K. de Almeida. *Os Mitos do “Sertão” e do Triângulo Mineiro*. As cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia, EDUFU, 2003.

BDI – Banco de Dados Integrados Disponível em: < [www.uberlandia.mg.gov.br](http://www.uberlandia.mg.gov.br)>

BDMG – Banco de Dados de Minas Gerais Disponível em: [www.mg.gov.br](http://www.mg.gov.br), acessado julho de 2003.

BENAKOUCHE, T. Tecnologia é Sociedade: Contra a Noção de Impacto Tecnológico. *Cadernos de Pesquisa*, PPGSP/UFSC, nº 17 Setembro de 1999.

BESSA, K. C. F. O.; SOARES, B. R. O desenvolvimento das atividades econômicas em Uberlândia - MG: Os circuitos espaciais da produção, do comércio e serviços e da intermediação financeira. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Edufu, n. 26 a 29, 2002/2003, p.39-73.

BRANDÃO, C. A. O Triângulo. Capital Comercial, Geopolítica e Agroindústria. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1989.

Call Center Inf. Disponível em: <http://www.callcenter.inf.br>

CANO, W. Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil. 1930-1970. Ed. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1985.

Companhia Telefônica do Brasil Central (*CTBC-Telecom*). Disponível em: <[www4.ctbctelecom.com.br/index.jsp](http://www4.ctbctelecom.com.br/index.jsp)>

CORRÊA, R. L. A Rede Urbana. São Paulo, Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Os Centros de Gestão do Território: uma nota. *Revista Território*, nº 11,12 e 13, anos 2002/2004.

\_\_\_\_\_. Rede Urbana e Formação Espacial – Uma Reflexão considerando o Brasil. *Revista Território* Volume 08. Ano 2000.

Disponível em: < <http://www.laget.igeo.ufjr.br/territorio/>>

\_\_\_\_\_. Região e Organização Espacial, 4 ed. Ed. Ática, São Paulo, 1991

\_\_\_\_\_. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DAHER, T. Goiânia, uma utopia européia do Brasil. Instituto Centro Brasileiro de Cultura, Goiânia, 2003.

DE ALENCAR, M. S. Telefonia Digital. São Paulo, 3 Ed. Ed. Érica, 2000.

DIAS, L. C. Redes Eletrônicas e Novas Dinâmicas do Território Brasileiro. *Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. pp. 115-144, 1997.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização in Castro, J. E et al (org) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. Disponível em:

<http://www.igeograf.unam.mx/instituto/publicaciones/boletin/bol55/b55-5.pdf>

FRESCA, T.M. *A Rede Urbana no Norte do Paraná*. Eduel, Londrina 2004.

Fundação João Pinheiro. Disponível em: <http://www.fjp.gov.br>

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. Col. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. 27 ed. Companhia Editora Nacional: Publifolha, São Paulo, 2000.

GODOI, C. N. Desenvolvimento das Telecomunicações e a Especialização Territorial e Urbana em Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GREMAUD, A. P, DE VASCONCELLOS, A. M., JUNIOR, R. T. Economia Brasileira Contemporânea. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.

IBGE Cidades: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>

IBGE. Regiões de Influência das Cidades 1993. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE. Regiões de Influência das Cidades. Rio de Janeiro, 1987.

IBGE. Regiões Funcionais Urbanas. Rio de Janeiro, 1972.

Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia Disponível em: <http://www.ie.ufu.br>

Jornal Correio – Reportagem sobre arrecadação ICMS Disponível em: [http://www.correioUberlandia.com.br/v2/noticia\\_ver.aspx?id=12614&data=](http://www.correioUberlandia.com.br/v2/noticia_ver.aspx?id=12614&data=)

LOURENÇO, L. A. B. *A Oeste das Minas*. Escravos, Índios e Homens Livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro (1750-1861) EDUFU, 2005.

Martins Comércio, Serviço e Distribuidora S/A. Disponível Em: <http://www.martins.com.br>

Museu da Pessoa: Disponível em: [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

Painel de Informações Municipais 2005. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>

PEREIRA, Karen Silva. *Inovações tecnológicas, mudança no aparato regulatório e estratégia empresarial* : o caso da CTBC Celular Uberlândia, 2001.

PINTO, A. V. O Conceito de Tecnologia. Ed. Contra Ponto, Rio de Janeiro, 2005.

PRADO JUNIOR, C. História Econômica do Brasil. 3 ed. Ed. Brasiliense, Brasília, 1987.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>

Revista Negócios – Reportagem sobre arrecadação de ICMS. Disponível em: [http://www.revistanegocios.com.br/ver\\_noticias.asp?cat=47&nt=621](http://www.revistanegocios.com.br/ver_noticias.asp?cat=47&nt=621)

Revista Veja On Line – Reportagem *O descobridor do Brasil*. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/busca/resultado.shtml?publicationCode=1&pageCode=1&si=veja&ac=0&np=10&rd=1&ao=0&\\_D:qu=+&\\_DARGS=/matriz/app/busca/veja/pglIncludeBusca.jhtml&qu=Uberlândia&optTipo=radiobutton&btn=+ok+&pg=1](http://veja.abril.com.br/busca/resultado.shtml?publicationCode=1&pageCode=1&si=veja&ac=0&np=10&rd=1&ao=0&_D:qu=+&_DARGS=/matriz/app/busca/veja/pglIncludeBusca.jhtml&qu=Uberlândia&optTipo=radiobutton&btn=+ok+&pg=1)

RODRIGUES, Maura Afonso - *Fagulhas de História do Triângulo Mineiro*, ABCSabe, Uberlândia, 1988, pág. 27 e segs.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo, Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Sociedade*. (Ensaio) Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

---

\_\_\_\_\_. *O Espaço Dividido*. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil – Território e Sociedade no início de século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil.(décadas de 1820-1930) Congresso de História Econômica de Zaragoza, 2001.Seção: As migrações para a América. Org. MOREDA, V. et all. UNiversidade San Pablo CEU. Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais. 2001. 28p. Disponível em:

<<http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>>

SEVCENKO, N. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. História da Vida Privada no Brasil Vol 03. São Paulo, Cia das Letras, pp. 550, 1991.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. 1984. Uma lacuna na historiografia Luso-Brasileira: a imigração portuguesa no Brasil. Paper read at III Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, at São paulo. Disponível em: <http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>

SIQUEIRA, E. Três momentos da história das telecomunicações no Brasil. São Paulo: Dezembro Editorial, 1998.

SMITH, A. *Inquérito Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*.Vol 01: Das causas de melhoria da capacidade produtiva do trabalho, e da ordem segundo a qual o seu produto é naturalmente distribuído entre as diferentes classes dos cidadãos. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.

SOARES, B R. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações do Triângulo Mineiro*. 1995.

SOCIEDADE ANÔNIMA DE EMPREENDIMENTOS (SABE). Lista SABE: Uberlândia 2005, assinantes – classificada. Uberlândia: Gráfica SABE,2005.

SOUZA, Maria Adélia de. (org) *Território Brasileiro*. Usos e Abusos. Ed. Territorial. Campinas, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Mapa Social de Uberlândia: condições sócio-econômicas das famílias de Uberlândia. Uberlândia: Instituto de Economia (UFU), 2001. 161p.

VIANA, G. Privatização das Telecomunicações. Ed. Notrya, Rio de Janeiro, 1993.